

RUÍNAS EM SOLO TERRESTRE: UMA ANÁLISE DE *PIQUENIQUE NA ESTRADA*, INUMANIDADE E ANTROPOCENO

RENATA COUTINHO VILLON

RUÍNAS EM SOLO TERRESTRE: UMA ANÁLISE DE PIQUENIQUE NA ESTRADA, INUMANIDADE E ANTROPOCENO

RUINS ON TERRESTRIAL SOIL: AN ANALYSIS OF ROADSIDE PICNIC, INHUMANITY AND ANTHROPOCENE

RENATA COUTINHO VILLON¹

renatavillon@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6938-4722>

Resumo

Em *Piquenique na Estrada*, de Boris e Arkadi Strugátski, uma ameaça alienígena desconhecida e inexplicável deixa zonas igualmente inexplicáveis e altamente mortíferas em alguns espaços delimitados ao redor do planeta. O presente trabalho analisa a obra tendo como foco o confronto entre uma humanidade até então soberana e esse outro não nomeado que agora ocupa seu espaço, de forma a refletir a respeito do próprio significado de “ser humano” e a destruição por ele efetuada no planeta – ou Gaia, como veremos principalmente a partir das observações de Viveiros de Castro e Danowski. Para tal, movimentamos também outros estudos teóricos a respeito da inumanidade e da xenologia, buscando demonstrar que a invasão alienígena que ocorre na obra parece na verdade dizer respeito ao próprio descaso humano, sendo mesmo representativa do poder destrutivo que o homem mantém sobre Gaia no Antropoceno. Também adentramos o próprio conceito de zona, além de refletir a respeito das ruínas e seu aparecimento.

Palavras-chave: Antropoceno. Estudos da animalidade. Ecocrítica. Xenologia. Ficção científica.

Abstract

In Roadside Picnic, by Boris and Arkadi Strugátski, an unknown and unexplained alien threat leaves equally unexplained and highly deadly zones in

¹ Pesquisadora Capes e doutoranda vinculada ao programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo obtido seu título de mestre na mesma instituição. Sua pesquisa diz respeito à teoria da animalidade e sua relação com a escrita, principalmente a de autoria feminina, se interessando também pelo tema da animalização como forma de exclusão do Outro.

certain delimited spaces around the planet. This paper analyzes the work with a focus on the confrontation between a hitherto sovereign humanity and this unnamed other who now occupies its space, in order to reflect on the very meaning of "human being" and the destruction it has wrought on the planet – or Gaia, as we will see mainly from the observations of Viveiros de Castro and Danowski. To this end, we will also look at other theoretical studies on inhumanity and xenology, in an attempt to demonstrate that the alien invasion that takes place in the play actually seems to be about human neglect itself, and is even representative of the destructive power that man holds over Gaia in the Anthropocene. We will also go into the concept of zone itself, as well as reflect a little on ruins and how they appear.

Keywords: Anthropocene. Animal studies. Ecocriticism. Xenology. Science fiction.

Introdução

Em uma terra arrasada, cogumelos crescem – o primeiro sinal de vida (e de esperança, poderíamos dizer) no solo devastado após um bombardeamento nuclear. Esses fungos, chamados *matsutake*, são de uma espécie que prospera em ambientes onde ocorreram perturbações gigantescas na ordem natural: desde florestas estrategicamente desmatadas até o terreno de dor e desolação de Hiroshima e Nagasaki após o trágico evento que marca o fim da Segunda Guerra Mundial. Investigando a alta demanda comercial desses cogumelos, a antropóloga Anna Tsing (2018) reitera a importância de olharmos de outra forma para as “perturbações” efetuadas na natureza – de levarmos em conta aquelas que ocorrem mesmo sem intervenção humana, mas também de entendermos até que ponto a própria humanidade é capaz de causar perturbações harmônicas no mundo: “*Matsutake* nos lembra que algumas, mas não todas, formas de perturbação podem abrigar vida” (p. 368). E, com sua repetida conclusão ao longo do artigo – “ruínas viraram nossos jardins” –, ela nos lembra a importância de vermos mesmo em ruínas uma oportunidade de reconstrução e cultivo.

Esse apontamento, no entanto, nos leva a reflexões para muito além de uma moral acerca da “resiliência humana” (e da vida em si), de nossa capacidade de enxergar novas possibilidades e chances de reflorescimento mesmo diante de uma terra arrasada – ou seja, de transformar ruínas em jardins. Pois esta sentença – “ruínas viraram nossos jardins” – parece nos convidar a enxergar o quanto de nosso mundo está dominado por destroços, ou também a rapidez com que podemos hoje presenciar uma agradável vizinhança se tornar um depósito radioativo. Por mais que haja vida que teimosamente insista em se reerguer desses cenários de desolação (seja ou não mediante nossa intervenção), se torna cada vez mais difícil ignorar o fato de que os maiores

desastres terrestres foram (são) causados direta ou indiretamente pelas mãos humanas (ou ao menos por uma parcela da espécie humana), a ponto de muitos dos cenários hoje conhecidos serem, na verdade, ruínas disfarçadas de progresso e superação diante da adversidade – e suas consequências serem muitas vezes transformadas pelo capitalismo em sucesso rentável, assim como ocorre hoje com o altamente comercializado cogumelo *matsutake* (com uma certa preocupação acerca de sua carga radioativa, é claro).

Essa “era de ruínas” parece coincidir com o que hoje é chamado de Antropoceno, ou seja, a designação geológica para a época em que estamos vivendo, no qual experienciamos um desequilíbrio planetário por conta das ações humanas. Como explicitam Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski (2014, p. 16) em *Há mundo por vir?*:

O Antropoceno (ou que outro nome se lhe queira dar) é uma época, no sentido geológico do termo, mas ele aponta para o fim da ‘epocalidade’, enquanto tal, no que concerne à espécie. Embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós: o Antropoceno só deverá dar lugar a uma outra época geológica muito depois de termos desaparecido da face da Terra. Nosso presente é o Antropoceno; este é o nosso tempo. Mas este tempo presente vai se revelando um presente sem porvir.

A humanidade estaria destinada, portanto, a viver cada vez mais entre ruínas, até que venha o inevitável fim. Com isso, o Antropoceno nos coloca em uma crise temporal – mais precisamente, a do nosso tempo (o tempo do “domínio antropocêntrico”, fadado a ser a destruição de si mesmo); segundo Jeanne Etelain (2023, p. 302) em sua tese *A theory of zones*, “Como sugere sua etimologia (...), o Antropoceno é primariamente um conceito temporal, mas é um conceito que basicamente desafia nossa concepção de tempo”.² O Antropoceno, porém, também nos faz enfrentar uma crise do espaço, cada vez mais arruinado. Como aponta o filósofo Bruno Latour em conversa com o historiador Dipesh Chakrabarty, a modernidade sempre teve como “lema” a sua progressão e evolução em

² Quando o material consultado não tiver tradução em português disponível, utilizaremos traduções livres feitas para uso neste artigo. No original: “As its etymology suggests (...), the Anthropocene is primarily a temporal concept, but it is a concept that ultimately challenges our conception of time”.

direção a um futuro próspero; “mas e se esse tipo de orientação significasse que você destruiu seu chão e alterou o futuro para uma utopia, uma terra de ninguém?” (Chakrabarty, Latour, 2020, p. 435).³

Esse “chão” [*ground*] em questão seria o que os autores, além de muitos estudiosos do tema, hoje chamam de Gaia (a Terra em si, portanto), a parte terrestre que habitamos e que se mostra plural e vicejante, além de resistente mesmo diante daquelas “perturbações” nada harmônicas do antropocentrismo. Viveiros de Castro e Danowski (2014) chegam a ponto de ver Gaia (juntamente com o conceito de *wilderness*, que designaria uma natureza edênica implacável) como a demonstração de uma oposição entre vida – “inesgotável profusão de formas e sutil equilíbrio de forças” (p. 39) – e *humanidade*, ou seja, o “fator que conspurca, diminui e desequilibra a vida, quantitativa e qualitativamente” (p. 39).

Gaia nos fala, assim, sobre esse espaço arruinado, mas que não para de fazer erguer *matsutakes* da terra, mesmo os radioativos, como símbolo daquilo que perdurará mesmo após a nossa ida. De muitas maneiras, ela parece revidar, em toda a sua multiplicidade, resiliência e força, não sendo apenas minada passivamente pela humanidade, apesar de certamente sofrer as consequências de suas ações negligentes.

[Gaia] designa uma nova maneira de experimentar o “espaço”, chamando a atenção para o fato de que nosso mundo, a Terra, tornado, de um lado, subitamente exíguo e frágil, e, de outro lado, suscetível e implacável, assumiu a aparência de uma Potência ameaçadora que evoca aquelas divindades indiferentes, imprevisíveis e incompreensíveis de nosso passado arcaico. Imprevisibilidade, incompreensibilidade, sensação de pânico diante da perda do controle, senão mesmo perda da esperança: eis o que são certamente desafios inéditos para a orgulhosa segurança intelectual da modernidade (Viveiros de Castro, Danowski, 2014, p. 107).

Essa dualidade de Gaia nos leva, enfim, a reconsiderar o espaço e recolocá-lo como uma forma de repensar nossos atos e mesmo ressignificar nossas ações na terra – até mesmo o próprio ato de pensar, como nos sugere Etelain (2023, p. 14): “o problema do espaço engaja nada

³ No original: “*But what if this sort of orientation meant that you destroyed your ground and shifted the future into a utopia, a land of nowhere?*”

menos que a questão do que significa pensar”.⁴ Gaia – que seria, na verdade, análoga ao que cientistas passaram a chamar de zona crítica,⁵ ou “definitivamente não um globo, mas um fino biofilme, uma superfície, uma película” (Latour, Lenton, 2019, p. 17), uma faixa restrita onde a vida se desenvolve – como a vida que, em oposição à humanidade, nos fará repensar o próprio conceito de humano, e a forma como, pelo menos em sua capacidade ocidental e “moderna”, este parece minar os esforços em prol da diversidade e da multiplicidade que apenas uma zona crítica poderia nos fornecer.

Tendo isso em mente, o presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Piquenique na estrada*, escrita em 1971 pelos irmãos Boris e Arkadi Strugátski. Nela, vemos o funcionamento de uma Zona não tão diferente de nossa irreverente Gaia; uma Zona que, como representa Etelain (2023, p. 10), se torna “um recurso filosófico para repensar o espaço, ao nos colocar um espaço que é múltiplo, heterogêneo e indeterminado”.⁶ A Zona de *Piquenique...*, no entanto, é implantada na Terra por seres alienígenas – aqueles que podemos chamar de inteiramente outros ou mais-que-outros, extraterrestres que nunca são propriamente revelados na trama e nem têm suas ações e seus motivos explicitados, mas que, ainda assim, forçam a humanidade a enfrentar sua própria destruição e ignorância.

A análise é fortemente influenciada por uma ideia bem sumarizada por Viveiros de Castro e Danowski (2014) ao pensar num futuro desenlace

⁴ No original: “the problem of space engages nothing less than the question of what it means to think”.

⁵ Como explicita Etelain (2023, p. 316-317): “The U.S. National Research Council defines the CZ as the ‘near-surface environment in which complex interactions involving rock, soil, water, air, and living organisms regulate the natural habitat and determine the availability of life-sustaining resources’. Geologist Susan Brantley and her colleagues provide an alternative definition of the CZ as ‘the fragile skin of the planet defined from the outer extent of vegetation down to the lower limits of groundwater’. The term was first introduced by sedimentologist Gail Ashley in 1998 to designate the thin outer veneer of the planet Earth’s surface, lying between the sky and the rocks, that is, the seat of life. It encompasses the lower atmosphere, vegetation canopy, water bodies (rivers, lakes, shallow seas), soil layers (pedosphere, vadose zone, the water table), and fresh groundwater. The CZ is critical in the physical sense of the term, because it is one of the limit interfaces of the planet, a threshold that can cause abrupt changes”.

⁶ No original: “the notion of zone is a philosophical resource for rethinking space, as it puts forward a space that is multiple, heterogeneous, and indeterminate”.

entre humanidade e vida, talvez quando a humanidade tiver terminado de se extinguir: “A vida ressurgirá, invencível, em sua variedade e abundância, e reconquistará o território (a Terra) que a humanidade, *agindo como um impiedoso invasor alienígena*, havia transformado em um deserto de concreto, asfalto, plástico e plutônio” (p. 39, grifo nosso). A partir desse pensamento, a invasão alienígena que ocorre na obra parece na verdade dizer respeito ao próprio descaso humano, sendo mesmo representativa do poder destrutivo que o homem mantém sobre Gaia no Antropoceno.

Essa reflexão é possível a partir do confronto entre o “humano” e esse “outro” não nomeado, que, assim como no extenso conflito entre animalidade e humanidade, nos leva a refletir sobre a própria condição do que é “ser humano”. Como Evando Nascimento bem nos aponta (2011, p. 123): “Besta são sempre os outros, aqueles com quem não compartilhamos nossa humanidade”. O que ocorre, porém, quando a própria humanidade, como um todo, passa a se encontrar num local “bestializado”, diante do *alien* que, como descreve Peter Szendy (2013, p. 36) em *Kant in the land of extraterrestrials*, não é “nem animal e nem divino”?⁷ Seguindo a trilha de Kant, Szendy nos diz que “Humanidade (...) deve ser pensada da perspectiva do outro, de seu fora, precisamente ali onde não foi concedido a esse fora uma figura ou um rosto, já que é desprovido de todas as figurações possíveis” (p. 39).⁸ Para entender a razão humana, devemos nos ver refletidos na razão desse Outro, de forma a nos enxergar a partir de um novo olhar.

Devemos, enfim, adentrar essa perigosa zona crítica (em sua capacidade teórica, além de terrestre), assim como um *stalker* numa Zona alienígena ou, talvez, um comerciante de cogumelos *matsutake* num terreno altamente radioativo.

⁷ No original: “*the alien, that other that is neither animal nor divine*”.

⁸ No original: “*Humanity (...) must be thought from the perspective of its other, from its outside, quite precisely there where this outside has not yet been given a figure or a face, since it is deprived of all our possible figurations*”.

Nem animal e nem divino

Em uma pequena cidade majoritariamente pacata chamada Harmont, assim como em mais cinco outras cidades espalhadas pelo globo e sem nenhuma ligação aparente entre si, ocorre aquilo que, em *Piquenique...*, fica conhecido como a Visitação. Por um brevíssimo período, extraterrestres pousam na Terra e, trazendo consigo muitas bizarrices, estabelecem Zonas muito bem delimitadas – locais onde as leis do mundo natural, tais como as conhecemos, parecem distorcidas; onde há perigos mortais e maravilhas rentáveis (objetos alienígenas deixados para trás, deliberadamente ou não) escondidos a cada curva. Os motivos e a própria natureza desses seres permanecem um mistério muito após sua partida. Agora, Redrick Schuhart (ou apenas Red) ganha a vida se aventurando (na maior parte da história, clandestinamente) pela Zona de sua cidade natal e vendendo os vários objetos inexplicáveis que ela abriga. Ele é, portanto, um daqueles denominados *stalker*.

Enquanto muitos cientistas perscrutam a Zona buscando entender seu funcionamento e esclarecer algumas dúvidas acerca desses seres visitantes e incompreensíveis, o objetivo de Red parece ser apenas o dinheiro que consegue ao trazer e vender alguns dos fantásticos objetos lá encontrados. Vemos se estabelecer, no entanto, uma estranha relação afetiva entre o *stalker* Red e a Zona que destrói todos que dela se aproximam, seja direta ou indiretamente. Além de simultaneamente matar seus companheiros e fazer reviver cadáveres há muito na terra (entre eles, o de seu pai), ela faz com que sua filha se torne cada vez mais um “monstro” (bestializado) por conta de uma influência genética inexplicável. Mesmo sabendo de todos os crescentes perigos e após repetidas prisões, cada “missão” bem-sucedida ainda o encoraja a voltar. “Estava vivo. A Zona me deixou ir. Deixou, sua maldita, sua vadia querida, sua vilã. Vivo. Nenhum novato jamais entenderia aquilo. Ninguém além de um *stalker* entenderia” (Strugátski, Strugátski, 2017, n.p.).

A efervescente Zona, em seus breves momentos de benevolência (ao “permitir”, digamos, uma busca bem-sucedida ou uma passagem pouco turbulenta), parece despertar uma esperança de progresso e de realização. A ponto de, quando oferecida a escolha de sair de sua cidade natal e de perto dela, Red não admitir a ideia de afastamento:

- É tudo verdade. Nossa cidadezinha é um buraco. Sempre foi e sempre será. Só que agora - continuei - este é um buraco para o futuro. E por ele iremos trazer para este seu mundo desgraçado as coisas que mudarão tudo. A vida será diferente, será justa. Cada um terá o que precisa. Eis o nosso buraco! Por este buraco passa o conhecimento. E quando tivermos conhecimento, todo mundo ficará rico; iremos às estrelas ou a qualquer outro lugar desejado. É assim que é o nosso buraco! (...)
Engraçado, enquanto falava, eu acreditava em cada palavra, de todo o meu coração. E nossa Zona - sua vadia maldita, sua assassina - me foi cem vezes mais querida naquele momento do que todas as Europas e Áfricas juntas (Strugátski, Strugátski, 2017, n.p.).

Os sentimentos a respeito da Zona oscilam muito rapidamente. Aqui, Red tem ideais de conhecimento e de riqueza. Em troca, a Zona lhe oferece a morte de mais um amigo querido. “Acabou! O *stalker* Red não existia mais. Pra mim, já chega de brincar com a morte e levar outros babacas a seu encontro. (...) Não havia nada na Zona para seres humanos. Nada de bom poderia vir dali” (n.p.). O capítulo se encerra e, no início do seguinte, Red está na Zona novamente.

Superficialmente, Red demonstra não querer *entender* a Zona ou os seres que a estabeleceram, sendo mais uma vítima de suas seduções e violências, da contradição que ela mesma abriga. O vemos zombar dos cientistas que buscam desesperadamente esclarecimento acerca do controverso evento, ao falar sobre como precisam entender as coisas para tornar a existência mais suportável: “Todos os CDFs são iguais. Para eles, o importante é inventar um nome para a coisa. Até então dá pena de olhar para eles, parecem cretinos” (n.p.). Ele chega a afirmar que a melhor forma de passar pela Zona e sobreviver é admitir que não a compreende. E, apesar de o vemos rejeitar repetidamente os esforços científicos, ele também se apresenta como cético diante de qualquer faceta de religiosidade. Só no final da obra ele admite ser levado, de fato, pela fé -

ou, melhor dizendo, por uma esperança inabalável, mesmo depois de tantos golpes cruéis:

Foi por isso que vim para cá. É isso que quero aqui... Uma sensação estranha e nova invadiu seu interior. Ele percebia que, na verdade, ela não era completamente nova, que já existia dentro dele, escondida, e só agora ele a reconheceu, e tudo imediatamente se encaixou e ficou no lugar. E o que antes parecia bobagem, uma loucura delirante de um velho marasmático, tornou-se sua única esperança, o único sentido de sua vida, porque acabara de compreender que a única coisa que havia lhe sobrado no mundo inteiro, a razão de sua vida nos últimos meses, era a espera de um milagre. (...) E agora aquela esperança crescia e já havia se tornado uma convicção, e a certeza do milagre preencheu-o até o último fio de cabelo, e ele até se surpreendia de como tinha podido viver antes numa escuridão tão profunda e tão sem saída... (Strugátski, Strugátski, 2017, n.p.)

Toda essa crença parece se condensar na Esfera Dourada, um artefato descrito como místico que estaria presente na Zona e pelo qual muitos procuram. O Abutre, um *stalker* cruel que Red salva, confirma sua existência e confia a Red que o objeto alienígena é capaz de realizar desejos. Contraditoriamente, o próprio Abutre afirma que não qualquer desejo, pois ela não foi capaz de lhe conceder juventude e nem riqueza. Dessa forma, os reais poderes dessa esfera nunca se mostram factíveis ao longo da narrativa, parecendo ser ela mesma apenas um produto da esperança humana.

Ainda assim, é em sua busca que Red adentra a Zona pela última vez, com a esperança de vendê-la e finalmente ter a vida confortável e sem problemas com a qual tanto sonha. Nesse ponto da narrativa, no entanto, passamos a finalmente identificar nele uma frustração por não conseguir entender o mundo a seu redor, ou o porquê de os homens fazerem o que fazem consigo mesmos e uns com os outros. Apesar de se mostrar igualmente como escravo de seus impulsos e hábitos viciosos, ele condena a “escavidão” do trabalho: “Quando um homem trabalha, sempre trabalha para alguém, é um escravo e nada mais! E eu sempre quis viver por conta própria, sem depender de ninguém e cuspiendo em sua rotina e seu tédio” (n.p.).

Red, como representante de uma “humanidade” generalizada, parece demonstrar aquilo que o filósofo Vladimir Safatle (2012) chamou de o projeto filosófico que a modernidade teria forjado “como uma de suas peças-chave”, “a imagem da humanidade como qualidade do que é humano” (p. 220). Esse “projeto” estaria fundado sobre três atributos essenciais, os quais ele chamou de autonomia, autenticidade e unidade, que seriam uma forma de reconhecer um domínio humano capaz também de se autogovernar e de estabelecer para si um certo senso de liberdade e justiça. Assim como Safatle (p. 226) nos aponta,

não deixa de ser bastante sintomático que autonomia, autenticidade e unidade sejam atributos fundamentais da humanidade do homem porque, à sua maneira, eles também são atributos do ser divino. Como se costuma dizer, o homem (esse mesmo homem resultante do projeto filosófico da modernidade desencantada) é a imagem e semelhança de Deus. O que nos leva a perguntar se as tentativas de conservar a humanidade do homem não seriam, no fundo, maneiras relativamente astutas de perpetuar o pensamento ocidental sob a sombra de certa teologia que não tem coragem de dizer seu nome. Como se o homem fosse, no fundo, um astuto projeto teológico-político, um projeto teológico que se impõe em suas consequências sociopolíticas.

Também sintomaticamente, vemos Red reverenciar a Esfera como se fosse algo sagrado, ao finalmente alcançá-la:

Ele não se esforçava mais em pensar. Apenas repetia desesperado, *como uma oração*: ‘Sou um animal, não vê? Apenas um animal que não possui palavras. Não aprendi a falar e não sei pensar, pois aqueles canalhas não me ensinaram a pensar! E se você for mesmo... todo-poderosa, onipotente e onisciente... Então resolva! Examine minha alma, eu sei que lá tem tudo de que você precisa. Deve haver. Pois nunca, jamais vendi minha alma para ninguém! Ela é minha, humana! Extraia de mim o que eu desejo, pois não é possível que eu deseje algo mau... Maldição!’ (Strugátski, Strugátski, 2017, n.p., grifo nosso).

Não nos parece, aqui, que Red esteja orando para a ausente e silenciosa força alienígena que propulsiona a narrativa. Ao longo de toda a estória, os extraterrestres apenas fornecem um *background* em que os homens podem iniciar seus conflitos, tanto internos quanto externos, tendo em mente também a possibilidade desses outros seres que nunca realmente se mostraram – como se fossem apenas um lembrete da ignorância humana. Diante desses Outros (nem divinos e nem bestas,

como devemos nos lembrar), a humanidade se encontra sem palavras, sem explicações (animalizada, poderíamos dizer),⁹ mas ainda com desejo e esperança de poder um dia tomar as rédeas de sua própria existência. Queremos aqui argumentar então que, diante da Esfera, Red parece estar orando para o próprio projeto humanístico falho, aquele com o qual ele deveria se identificar, mas que não conseguiu livrá-lo de sua própria desgraça.

Essa realização vem a partir do espaço da Zona que, como podemos nos lembrar a partir das palavras de Etelain, é um conceito que nos faz reconsiderar o próprio pensar. E, diante dela, conseguimos ver que a humanidade, em si, não consegue se sustentar como um projeto único e irrevogável, completamente unido em prol do progresso e contra as adversidades. A Zona parece nos fazer confrontar o próprio Antropoceno; e, como nos apontam Viveiros de Castro e Danowski (2014, p. 121), “O que o Antropoceno põe em xeque, justamente, é a própria noção de *anthropos*, de um sujeito universal (espécie, mas *também* classe ou multidão) capaz de agir como um só povo”. Red, em todas as suas contradições e crises, e como membro de uma humanidade que nem diante da certeza de uma ameaça extraterrestre foi capaz de verdadeiramente se unir, nos ajuda a entender isso.

Marco Antonio Valentim (2018, p. 31) nos lembra, a partir de Ursula K. Le Guin, que este sempre foi o objetivo das ficções científicas: nos levar a uma argumentação contrafilosófica da soberania humana, já que “de um ponto de vista fantástico, o Homem não é um arquétipo sublime, mas uma aberração desastrosa”. Mas há uma possível redenção nesse fato. Segundo Safatle (2012), talvez seja mesmo preciso que o homem deixe de lado sua visão humana e abrace, em vez disso, uma visão de inumanidade

⁹ Vale lembrar que, segundo Derrida (2006), a ausência de fala no animal seria um dos maiores motivos para que ele seja considerado inferior pelo humano. O “*propre de l’homme*” seria o direito de nomear os animais – a exemplo da figura adâmica da tradição judaico-cristã –, enquanto os animais permaneceriam como criaturas “sem resposta” diante desse domínio por conta da falta de linguagem (ou, ao menos, de uma linguagem falada). Não conseguir nomear seu desejo demonstra, assim, uma falha essencial na humanidade de Red, além de uma aproximação da tão negada animalidade.

que, esperançosamente, seria mais benigna tanto para si mesmo quanto para o planeta como um todo, assim como seus habitantes.

é fato que aprendemos a associar o inumano à dimensão das catástrofes históricas, um pouco como se as portas da violência destruidora ou da desagregação normativa fossem sempre abertas quando esquecemos o que o homem deve ser, quais os atributos essenciais de sua humanidade, quais os predicados que lhe determinam. Sentimo-nos seguros ao reencontrar a imagem identitária do homem, isso a ponto de imaginar que a ausência de tal imagem só poderia gerar o caos e a deposição de todo projeto de racionalização social. (...) No entanto, talvez seja o caso de mostrar que esse modo de pensar é limitado, pois é na capacidade de se reconhecer naquilo que não porta a imagem identitária do homem que reside o fundamento para uma determinação não normativa e renovada da razão. Realizar uma humanidade liberada da imagem do homem pode nos fornecer um novo horizonte para as lutas políticas e as estratégias de crítica do existente (Saflate, 2012, p. 222).

Poderíamos então pensar o “inumano” como atestamento de uma diversidade e de uma possibilidade de vida para além da humana – e que, a partir de esforços literários e políticos, pode ser considerado e visto. A imagem da humanidade não mais como um abrigo de oposições conflitantes, mas como abrigo de multiplicidade. E isso se dará a partir da Zona.

Um piquenique (extra)terrestre

Em *O aberto: o homem e o animal*, Giorgio Agamben (2017, p. 24) nos aponta que a humanidade sempre se ergueu a partir da negação de sua própria animalidade:

O homem existe historicamente apenas sob essa tensão: ele pode ser humano apenas na medida em que transcende e transforma o animal antropóforo que o sustenta, somente porque, por meio da ação negadora, é capaz de dominar e, eventualmente, destruir sua própria animalidade.

Nesse eterno esforço de separar-se da animalidade, o homem (moderno, ocidental) toma para si o direito de subjugar aqueles “outros” que estariam numa esfera “animal”, ou seja, aqueles que não são aceitos

pela autointitulada identidade humana, seja por sua raça, gênero ou origem.¹⁰

O mesmo não pode acontecer, no entanto, diante da outridade representada pelos seres extraterrestres. Pelo contrário, o discurso de Red nos mostra que, naquela Zona incompreensível, o homem não consegue nem transcender, nem negar, e nem destruir sua animalidade – inumanidade – latente.¹¹

Talvez a humanidade se encontre reduzida à sua animalidade ao entrar em contato com a Zona exatamente pelo fato de ela representar, de muitas formas, o contínuo conflito entre Antropoceno (do lado da humanidade) e Gaia (do lado da multiplicidade de vida que é também demonstrada pela animalidade). Retornando a Etelain (2023, p. 8), ela nos mostra a ideia de que o conceito de zona em si “se apresenta como o que os filósofos chamam de multiplicidade (...), isto é, como um todo que é ao mesmo tempo um e múltiplo, heterogêneo e contínuo, e cuja natureza é dinâmica por se transformar no decorrer de sua partição”.¹² E, mais adiante: “o conceito de zona parece sugerir a existência de múltiplos espaços coexistentes na mesma superfície” (p. 9).¹³ Trazendo essa ideia

¹⁰ Aqui podemos complementar com uma fala de Evando Nascimento (2011, p. 135): “Tendemos a rebaixar tudo o que não acreditamos servir como espelho: os animais, as mulheres, os índios, os negros e todos os grupos étnicos classificados como ‘minorias’, minorizados, portanto, ainda quando constituem efetivamente maioria em determinadas sociedades”.

¹¹ Como mais uma vez Safatle (2012, p. 231-232) nos demonstra, “Contra a autonomia, o inumano aparece como a esfera da animalidade sempre potencialmente presente no homem. Encontramos aqui a distinção clássica entre *humanitas* e *animalitas*. (...) Mas afirmar a necessidade de a humanidade não passar na animalidade, diferenciar-se radicalmente da animalidade, significa principalmente negar com todas as forças tudo o que, em mim, guarda uma afinidade mimética com o que não é imediatamente humano. Negação que se inverte facilmente em dominação e violência contra o que, em mim, teima em se ver nos olhos opacos de um animal. Assim, a afirmação peremptória da humanidade do homem acaba por se transformar em selvageria contra tudo o que, em mim, ainda guarda os traços da animalidade (como os impulsos, as pulsões, os desejos ‘patológicos’). Dessa forma, a humanidade se realiza sob a forma invertida da animalidade distorcida, da brutalidade animalesca contra a animalidade. Uma brutalidade que só pode ser desativada recuperando a dimensão do inumano”.

¹² No original: “*My findings suggest that the concept of zone is deployed whenever space – whether physical, corporeal, social, or terrestrial – presents itself as what philosophers call a substantial multiplicity (also known as a qualitative or intensive multiplicity), that is, as a whole that is both one and multiple, heterogeneous and continuous, and whose nature is dynamic as it transforms itself along its partition*”.

¹³ No original: “*Said otherwise, the concept of zone seems to suggest the existence of multiple coexisting spaces on the same surface*”.

para o contexto de *Piquenique...*, é como se a Zona instalada pelos extraterrestres estabelecesse uma dinâmica territorial em que o domínio humano se encontraria suspenso, dentro mesmo do território terrestre, e revelando assim a inumanidade latente dentro da espécie humana como passível de sofrer as consequências da Zona estabelecida por outro pensante.

Essa hipótese se encontra muito bem sumarizada no diálogo que rende à obra o seu título. Na cena, Richard Noonan (ou Dick), funcionário do Instituto Internacional de Culturas Extraterrestres, pressiona o cientista Valentin Pillman a fornecer uma explicação para a Visitação. Admitindo verdadeiramente não saber nada, Pillman compartilha uma hipótese:

- Um piquenique. Imagine uma estrada no interior, uma clareira na mata, perto da estrada. O carro sai da estrada e vai até a clareira. Abrem-se as portas, e sai uma turma de jovens. Começam a tirar do porta-malas cestas com mantimentos, armam as tendas, acendem a fogueira. Churrasco, música, fotos... De manhã, eles vão embora. Animais, pássaros e insetos da floresta, que assistiram horrorizados àquele evento noturno, saem de seus esconderijos. E o que eles encontram? Manchas de óleo que pingou do radiador, uma lata com um pouco de gasolina, velas e filtros usados. Do lado, estão jogados os panos sujos de óleo, as lâmpadas queimadas, uma chave de fenda que alguém esqueceu na grama. Nos rastros deixados pelo carro sobrou um pouco de lama que veio grudada de algum brejo no caminho... E, claro, há cinzas de fogueira, restos de comida, embalagens de chocolate, latas e garrafas de bebida, guardanapos amassados, bitucas, um lenço perdido, um velho jornal rasgado, um canivete de bolso derrubado por alguém, moedas, flores murchas do campo vizinho... (Strugátski, 2017, n.p.)

Nessa analogia da Visitação como um mero “piquenique na estrada”, a humanidade tomaria o lugar dos animais e do restante da desinformada natureza diante dos desígnios de seres racionalizados – “inteligentes” –, mas completamente descuidados em relação à “zona” (no sentido idiomático da língua portuguesa, ou seja, a “bagunça”) muitas vezes mortal que vai deixando pelo caminho. Por muitos motivos, a hipótese é pior do que pensar que os ETs de fato queriam fazer mal à humanidade ao instalar as Zonas, pois demonstraria não uma igualdade (mesmo que distante e conflitante) com esses seres, mas uma inequívoca

inferioridade diante deles. Tanto que, ao ouvir a hipótese de Pillman, um indignado Dick retruca: “Por que vocês, cientistas, têm tanto desdém em relação ao ser humano? Por que é que sempre tentam rebaixá-lo?” (n.p.).

Dick é uma das personagens que, ao longo da trama, se mostram mais interessadas em tentar entender não apenas a Visitação, mas o comportamento humano diante dessa realidade. No único capítulo que não é narrado a partir da perspectiva de Red, vemos Dick se surpreender com a contradição tão latente nos *stalkers*: ele percebe, com horror, que nada pode impedir as pessoas de continuar se aventurando na Zona, não importa quantas vezes ela se mostre uma péssima ideia.

E, de repente, do nada, uma sensação de desespero tomou conta de seu interior. Nada adiantava. Tudo era em vão. Meu Deus, pensou ele. Nós não vamos conseguir nada! (...) É porque o mundo é assim. O ser humano é assim! É da natureza humana. Se não fosse a Visitação, seria outra coisa qualquer. O porco sempre achará lama para chafurdar... (Strugátski, Strugátski, 2017, n.p.)

A Zona, assim, parece revelar uma verdade profunda acerca da natureza humana, mesmo para aqueles que apenas observam de fora todo o mal que chega àqueles que insistem em se aventurar. E essa seria a propensão humana de insistir nos mesmos erros, tanto fascinados quanto humilhados por aquilo que não conseguimos compreender. O homem entra na Zona com a desculpa de conseguir dinheiro ou conhecimento, mas encontra ali apenas a prova de sua própria inumanidade.

Pillman, o cientista, sumariza essa conclusão ao dizer que “para a humanidade, tudo passa sem deixar marcas” (Strugátski, Strugátski, 2017, n.p.). Evento após evento – até mesmo o mais marcante deles, como acreditamos que seria uma escancarada invasão alienígena em solo terrestre –, a humanidade só seguiu em frente. Retornamos, assim, à questão que o artigo de Tsing parece nos apresentar: se transformamos ruínas em jardins, diria isso respeito a um desejo inerente por esperança e beleza diante da adversidade? ou seria apenas assustador e desesperante o fato de insistirmos em trazer ruínas aos jardins da Terra? É um cogumelo *matsutake* radioativo um belo símbolo de reflorescimento apesar de

tudo? ou apenas uma monstruosa consequência de nossas ações em nome do progresso?

Em suma, como mudar os hábitos de uma humanidade que está condicionada a se destruir por conta de suas conflituosas contradições?

É também Pillman que, tentando apaziguar Dick, evoca as seguintes palavras:

Escute isso: 'Vocês me perguntam em que consiste a grandeza do homem?' - começou a citar. - 'Ter criado uma segunda natureza? Ter acionado forças de magnitude quase cósmica? Ter em um espaço de tempo insignificante se apoderado do planeta e aberto a janela para o universo? Não! Está no fato de que, apesar de tudo isso, ele sobreviveu e está determinado a continuar sobrevivendo' (Strugátski, Strugátski, 2017, n.p.)

Na oposição entre humanidade (Antropoceno) e vida (Gaia), a lição de *Piquenique...* nos lembra que também nós, terráqueos que somos, possuímos uma teimosa propensão à vida diante da adversidade – mesmo que ela ainda seja, na maioria das vezes, causada por nós. Talvez seja o momento de pensarmos o homem, ele mesmo, como uma zona de naturezas coexistentes e afirmar que, se de fato queremos ver mais da vida que tem a capacidade de vicejar mesmo depois de tantos ruinosos eventos, só poderemos fazer isso em nossa capacidade que é, ao mesmo tempo, inumana.

Conclusão

Recentemente, em 26 de julho de 2023, um ex-oficial de inteligência da Força Aérea estadunidense afirmou, numa audiência no Capitólio dos EUA, que o Pentágono possui provas – entre elas (supostos) restos de espaçonaves alienígenas, além de “material biológico não humano” que teria sido retirado de Ovnis – da existência de seres extraterrestres e que as estaria escondendo enquanto performa experimentos. O ex-oficial, chamado David Grusch, tem seu testemunho apoiado por mais dois ex-militares que também confirmam o contato

com objetos alienígenas durante seu tempo de serviço ao governo americano.¹⁴

O que deveria ser uma revelação chocante não passou de uma “confirmação” nada surpreendente. Afinal, não é de hoje que existe uma crescente desconfiança acerca de informações mantidas em segredo do público geral envolvendo a existência de *aliens*, tendo esse se tornado, aliás, um tópico largamente abordado na cultura popular. A infame “Área 51”, por exemplo, cujo funcionamento e finalidade se mantêm na ordem da especulação, se tornou tema de jogos e filmes que retratam a misteriosa base militar presente no estado de Nevada, nos EUA, como um centro de operações e estudo de vida extraterrestre.¹⁵ Essa teoria foi tão inculcada na cabeça dos consumidores dessas obras que, de fato, parece ter passado de tema muito bem explorado pela ficção científica para frenesi de teorias conspiratórias, para, enfim, probabilidade amplamente aceita e até mesmo previsível.

Ainda assim, a indiferença com que a recente informação foi recebida pelo público parece ter causado mais alvoroço do que a controversa audiência em si. Nas redes sociais, internautas ironizaram o caso, se mostrando enfadados tanto do assunto em si quanto da rotina frenética a que estamos habituados. Um deles afirmou, humoristicamente: “Aliens isso... aliens aquilo... há cinco anos eu teria me importado... agora? ah, mas eles estão chegando... pois entrem e fiquem à vontade... pode até sentar no sofá! só não vou fazer sala... estou ocupado”.¹⁶

Por mais que muitos temam uma possível Visitação desastrosa, e que ainda existam aqueles que acreditam, de fato, que a espécie humana possa ser submetida a escravidão e extermínio nas mãos de uma “inteligência superior”, a ampliada aceitação da existência de aliens

¹⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/07/26/congresso-dos-eua-faz-audiencia-sobre-ovnis-avistamentos-nao-sao-raros-ou-isolados.ghtml>. Acesso em 28 jul. 2023.

¹⁵ O conceito também inspirou outras obras com temática semelhante, como no caso da altamente popularizada série *Stranger Things* (2016), da plataforma de *streaming* Netflix.

¹⁶ Disponível em: <https://twitter.com/oieusouguigo/status/1684923108715610112?s=20>. Acesso em 28 jul. 2023.

parece ainda ser permeada por muita incredulidade. Muitos parecem não conseguir ver como a existência de ETs causaria uma mudança radical na rotina – talvez porque, de fato, e para todos os efeitos, é como se eles já estivessem por aqui. Szendy (2013, p. 112) nos leva à seguinte conclusão:

Extraterrestres estão aqui, portanto, entre nós humanos e Terrestres. Estão aqui, mas permanecem impossíveis de se encontrar; nada sabemos sobre eles.

Estão aqui – e provavelmente sempre estiveram aqui – já que fazem seu caminho através da própria textura do que é oferecido pelos nossos sentidos até o juízo. Eles já estão aqui, no coração da imperceptível trama, mesmo antes que isso se torne uma questão acerca de sua possível chegada, mesmo antes de os imaginar como invasores potenciais do tão distante outro lado do universo. Não estão aqui, no entanto, como uma presença: nem simplesmente presentes ou ausentes, o seu estar-aqui é, poderíamos dizer, estar-por-aí, aqui.

É por isso que a ficção científica sempre já terá começado.¹⁷

Parece que a humanidade já tanto aceitou essa possibilidade, que mal consegue mais diferenciar sua própria visão da de um alienígena invasor, pois é como se ambos já convivessem e se misturassem. A Visitação é agora, contínua e invisível, com a diferença de que as Zonas são feição nosso. Nós (humanos ou *aliens*, já e perpetuamente humanizados) tornamos áreas inteiras inabitáveis, hostis, tanto para nós quanto para outros seres. E continuamos estudando os efeitos de nossa própria destruição, transformando ruínas em jardins, ou jardins em ruínas, incessantemente. A única perspectiva de “pausa” que temos é, infelizmente, uma destruição tão massiva que não fará sobrar um único de nós capaz de contemplar os destroços – não à toa, muitos desses mesmos internautas cansados “pedem”, em tom freudianamente chistoso, por uma intervenção alienígena: assim talvez, pelo menos, haveria uma pausa do trabalho rigoroso, do exigente maquinário

¹⁷ No original: “*Extraterrestrials are thus here among us humans and Earthlings. They are here, but they remain impossible to find; we know nothing about them. They are here – and they have probably always been here – since they work their way through the very texture of what is offered by our senses to judgment. They are already here, at the heart of the perceptible weft, even before it becomes a question of their possible arrival, even before we imagine them as potential invaders from far away at the other end of the universe. Yet they are not here as a presence: neither simply present nor simply absent, their being-there, we could say, is a being-out-there, down here. This is why science fiction will have always already begun*”.

capitalista, da implacável e monótona rotina, e mesmo da preocupação constante com o amanhã.

Isso nos diz muito sobre o antropocentrismo, sobre a exaustão que ele suscita nos mesmos seres que deveriam se considerar “superiores” diante de toda a variedade de vida terrestre. Talvez seja preciso, portanto, e mais do que nunca, ver na possível existência extraterrestre uma atestação de inumanidade, de algo que irá dissolver nossos princípios e práticas para revelar nossa multiplicidade latente e, ao mesmo tempo, continuamente ignorada sob um ideal unificado humano. Nesse caso, um domínio verdadeiramente alienígena e inteiramente Outro se torna uma esperança, mais do que um medo.

Diante dessa realidade, o grito de Red ao final de *Piquenique...* – “FELICIDADE PARA TODOS, DE GRAÇA, E QUE NINGUÉM SEJA INJUSTIÇADO!” (Strugátski, Strugátski, 2017, n.p.) –, agoniado e cheio de obstinada, persistente esperança, reflete uma humanidade que se perdeu em si mesma, em seus ideais falidos de progresso e domínio. E talvez seja apenas assim, nas ruínas da corrosiva humanidade, que a *matsutake*-esperança possa nascer – igualmente insistente, simbólica, assustadoramente bela e contraditória, tomando seu espaço na Terra, uma Zona de cada vez.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O aberto: o homem e o animal*. Trad. Pedro Mendes. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CHAKRABARTY, Dipeshi.; LATOUR, Bruno. Conflict of planetary proportion – a conversation. *Journal of the Philosophy of History*, v. 14, n. 3, p. 419-454, 2020. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/LATCOP-2>. Acesso em 4 ago. 2023.

DERRIDA, Jacques. *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006.

ETELAIN, Jeanne. *A theory of zones: conceptualizing space in the Planetary Era*. 2023. Dissertation (PhD). Course of Lettres, Langues, Spectacles, New York University, New York, 2023.

LATOUR, Bruno; LENTON, Timothy Michael. Extending the domain of freedom, or why Gaia is so hard to understand. *Critical Inquiry*, v. 45, n. 3, p. 1-21, 2019. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/702611>. Acesso em 4 ago. 2023.

NASCIMENTO, Evando. Rastros do animal humano – a ficção de Clarice Lispector. In: MACIEL, Maria Esther (org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 117-148.

SAFATLE, Vladimir. Há uma potência política no interior do inumano. In: *Grande hotel abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 217-247.

STRUGÁTSKI, Arkadi; STRUGÁTSKI, Boris. *Piquenique na estrada*. Trad. Tatiana Larkina. São Paulo: Editora Aleph, 2017. E-book Kindle (n.p.).

SZENDY, Peter. *Kant in the land of extraterrestrials: cosmopolitical philosophifictions*. Trad. Will Bishop. New York: Fordham University Press, 2013.

TSING, Anna Lowenhaupt. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). Trad. Filipi Pompeu e Mariana Canazaro Coutinho. *Cadernos do Lepaarq*, v. 15, n. 30, p. 366-382, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/13315/0>. Acesso em 4 ago. 2023.

VALENTIM, Marco Antônio. Ursa menor: notas sobre ficção científica e fantasia. *CadernosPetFilosofia*, Curitiba, v. 17, n. 1, p. 9-35, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/65845>. Acesso em 4 ago. 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKI, Déborah. *Há mundo por vir?: ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2014.

Recebido em: 31 de outubro de 2023

Aceito em: 5 de janeiro de 2024